

# EM JEITO DE CONCLUSÕES

José d'Encarnação

Sendo certo que uma designação contém em si um conceito e, porventura, a raiz dum enquadramento institucional, concluiu-se que, no caso vertente, palavras como «núcleo», «pólo», «antena» e outras significavam constituintes de um todo, cuja funcionalidade era a de harmonizar e revitalizar todo um território ou do território como um todo. Aliás, essa consciencializada noção territorial esteve recorrentemente transversal às comunicações com que fomos presenteados nestes dois dias.

Abriu a Dra. Clara Camacho a reflexão sobre a problemática do enquadramento (I painel), fornecendo-nos dados institucionais actualizados e definindo, a partir deles, as questões que se levantam, nomeadamente as referentes à sua gestão concertada no quadro administrativo local, regional e mesmo nacional. A crescente proliferação de «núcleos» (acentuou) determina adequações normativas pertinentes.

O caso do ecomuseu do Seixal – historiado pela sua directora, Dra. Graça Filipe – foi disso mesmo um bom exemplo, pelo seu carácter pioneiro e ora possuidor de antenas «patrimoniais» num amplo território.

Está em estudo a criação do núcleo museológico de Bordeira, centrado numa actividade que, durante mais de um século, envolveu os habitantes: o trabalho da pedra. Busca-se aí – sublinhou a Dra. Dália Paulo – o cimentar duma identidade, potenciadora, por seu turno, de um espírito de comunidade cuja oportunidade é indiscutível – como se teve ocasião de verificar na visita feita ao local.

Logo em Bordeira se viu como o envolvimento da população assumia papel fundamental na criação e, sobretudo, na dinamização desses pólos. E a mesma nítida sensação – inclusive plasmada em rostos fotografados e vivos! – se teve no contacto com as senhoras do Centro de Memória do Alportel e no espírito, no génio que paira sobre o Museu do Rio: está ali a alma de Guerreiros do Rio, numa simbiose bonita entre as águas do Guadiana e as gentes que dele dependem.

Recomeçámos, hoje, 26, com o «saber de experiências feito» de Hughes de Varine, numa larga e proveitosa viagem, grandemente recheada de sugestões. Bem haja, Mestre!

Curiosamente, o II painel, que apresentava como tema a sustentabilidade, trouxe-nos exemplos significativos em que, de novo, a palavra «território» foi omnipresente: em Portimão, através do museu (um Museu de Sociedade, de

Identidade e de Território), há um território a gerir – numa gestão partilhada; em Viana do Castelo, através do Pão, dos moinhos, das actividades agro-marítimas (enfim), há um território a conhecer; em Mértola, são os núcleos a permitir descobrir um território.

A sustentabilidade foi, esta manhã, especialmente focada em dois exemplos: na revisitação aos oito núcleos do “museu multifacetado” de Alcoutim; e no olhar criticamente desperto de Rui Parreira a dar-nos conta, em magnífica apresentação (diga-se), de como «uma administração desconcentrada em articulação com o Poder local» permitiu êxitos, sim, mas também determinou fracassos, pois «o território é um palimpsesto onde se escreveu mas onde se continua a escrever»!

E o debate permitiu-nos reconsiderar – de novo com Hughes de Varine – a função primordial correcta e incorrecta do Museu.

Por fim, no âmbito do III painel – programação e dinamização – passeámo-nos por Loulé e seus projectos (o museu arqueológico, Salir, frutos secos, a água em Querença e o seu cantar!...) e espreitámos o que se pensa fazer no Museu polinucleado de Aljustrel.

### Em conclusão:

Estamos muito gratos à Câmara Municipal de Faro que, através do seu Departamento de Cultura e Património – com especial relevo para a Dra. Dália Paulo e sua dedicada equipa – nos proporcionou, mui oportunamente, estas duas preciosas jornadas.

Apresentaram-se, de modo crítico e bem pensado, os dados disponíveis no campo dos “núcleos museológicos” (passe a expressão generalizada) como factores e fautores da criação de uma identidade, em que pessoas /habitantes e seus territórios agem e interagem. Identificaram-se os problemas; vimos as iniciativas em curso ou em projecto. Vamos, pois, sair daqui muito mais “sábios”, muito mais “conscientes”. Museu não é panaceia – mas que ajuda a curar alguns dos muitos males de que enferma o património cultural português ... isso é que ajuda!

E nós cá estaremos para tentarmos aplicar, caso a caso, o melhor remédio!